



EMPREENDER, DECIDIR O FUTURO E NAVEGAR EM MARES INCERTOS: o mundo do trabalho em livros didáticos sobre projeto de vida

Guilherme Baumann Achterberg¹

Eduardo Adolfo Terrazzan²

RESUMO

Este artigo tem como foco as discussões sobre o empreendedorismo em livros didáticos do Programa Nacional do Material e Livro Didático (PNLD) de Projetos de Vida. O objetivo é caracterizar as diferentes formas pelas quais as obras didáticas apresentam as discussões sobre empreendedorismo. Entendemos que um projeto de vida é um conjunto de metas, desejos e sonhos interligados que indicam possíveis caminhos prévios para a vida dos sujeitos – uma espécie de bússola moral e estratégica. O mundo do trabalho é entendido como o conjunto das relações sociais existentes entre os seres humanos, instituições e a natureza. Adotamos uma concepção ontológica do trabalho, considerando que é por meio dele que produzimos nossas condições de vida bem como nos tornamos diferentes da natureza. A natureza da pesquisa é qualitativa, orientada pela Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) (TAROZZI, 2011; CHARMAZ, 2009). O empreendedorismo se apresenta fortemente em algumas obras como pano de fundo para a atuação no mundo do trabalho, seja na concepção atitudinal de empreender ou com o incentivo de criação de negócios inovadores e socialmente responsáveis. Além disso, o empreendedorismo social e as habilidades empreendedoras são estratégias usadas pelas obras didáticas para convencer o leitor de que empreender é um excelente caminho a ser seguido para trilhar vivências no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Projeto de Vida. Empreendedorismo. PNLD.

ENTREPRENEUR, DECIDE FOR THE FUTURE AND NAVIGATE IN UNCERTAIN SEAS: the world of work in textbooks on life of purpose

ABSTRACT

This article focuses on discussions about the world of work in textbooks of the National Material and Textbook Program aimed at Purpose of Life. The objective is to characterize the ways in which didactic works present discussions about the term entrepreneurship. We understand that a life project is a set of goals, desires and dreams that are interconnected, indicating a previous path for the subjects to live – a kind of moral and strategic compass. The world of work is understood as the set of existing social relations between human beings, institutions and nature. We adopted an ontological conception of work, considering that work is the producer of our

¹ Mestrado em Educação. Professor na Rede Escolar Pública Municipal de Cachoeira do Sul. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4690-8543>. E-mail: guilhermeachterberg@gmail.com

² Doutorado em Educação. Professor Titular na Universidade Federal de Santa Maria. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4723-159X>. E-mail: terraedu@yahoo.com.br

cultural and social relations. The nature of the research is qualitative, guided by Grounded Theory (GT) (TAROZZI, 2011; CHARMAZ, 2009). Entrepreneurship is very present in some textbooks as a background for acting in the world of work, either in the attitudinal conception of undertaking or with the incentive to create innovative and socially responsible businesses. In addition, social entrepreneurship and entrepreneurial skills are strategies used by didactic works to convince the reader that undertaking is an excellent path to follow to tread experiences in the world of work.

Keywords: Life of purpose. Entrepreneurship. PNLD.

EMPRENDER, DECIDIRSE POR EL FUTURO Y NAVEGAR MARES INCIERTOS: el mundo del trabajo en los libros de texto sobre proyectos de vida

RESUMEN

Este artículo se centra en las discusiones sobre el mundo del trabajo en los libros didácticos del Programa Nacional de Materiales y Libros de Texto (PNLD) dirigidos a Proyectos de Vida. El objetivo es caracterizar las formas en que las obras didácticas presentan discusiones sobre el término emprendimiento. Entendemos que un proyecto de vida es un conjunto de metas, deseos y sueños que se interconectan, indicando un camino previo para que los sujetos vivan, una especie de brújula moral y estratégica. El mundo del trabajo se entiende como el conjunto de relaciones sociales existentes entre los seres humanos, las instituciones y la naturaleza. Adoptamos una concepción ontológica del trabajo, considerando que el trabajo es el productor de nuestras relaciones culturales y sociales. La naturaleza de la investigación es cualitativa, guiada por la Teoría Basada en Datos (TAROZZI, 2011; CHARMAZ, 2009). El emprendimiento está muy presente en algunas obras didácticas como marco de actuación en el mundo del trabajo, ya sea en la concepción actitudinal de emprender o con el incentivo a crear empresas innovadoras y socialmente responsables. Además, el emprendimiento social y las habilidades emprendedoras son estrategias utilizadas por las obras didácticas para convencer al lector de que emprender es un excelente camino a seguir para transitar experiencias en el mundo laboral.

Palabras clave: Proyectos de Vida. Emprendimiento. PNLD.

INTRODUÇÃO

Uma vez que a temática deste texto envolve projetos de vida de estudantes do ensino médio, a metáfora da navegação em mares incertos nos parece interessante para explicar a forma como a dinâmica do futuro se apresenta aos jovens brasileiros. Pinheiro, Ribeiro e Peregrino (2018) sintetizam que conforme aumenta a faixa etária dos jovens, mais eles entram e saem abruptadamente da escola e de experiências de trabalho. Para Sales e Vasconcelos (2016), a vida de muitos jovens pode ser retratada da seguinte forma: “jovens pobres, sobreviventes de cidades divididas, a enfrentar

incertezas de um tempo de turbulenta crise política e econômica: assim pode ser retratada a vida de tantos/as jovens em diversos lugares do mundo.” Em conformidade com essa ideia, Leccardi (2005) conclui que

Em um período histórico de crise do futuro (e de crise da concepção da juventude como transição para a vida adulta tout court), delineia-se assim um novo “estado de ânimo” juvenil em relação ao tempo. Em seu centro está a necessidade de não se deixar engolir pela velocidade dos eventos, de controlar a mudança equipando-se para agir prontamente, de não desprezar o tempo deixando que “as coisas aconteçam”, de não se deixar encurralar pela insegurança difusa. Ainda que o tempo vivenciado seja sobremaneira incerto, o que parece importante é, sobretudo, “manter a rota”, não perder a direção interior. (LECCARDI, 2005, p.53).

Enquanto navegam em direção ao futuro, os jovens vivenciam no presente um processo que designamos como *Jogos Vorazes Brasileiros*. Acreditamos ser interessante apresentar esse termo metafórico-literário cunhado por nós, já que encontramos em Dardot e Laval (2016) a constatação de que a competição tem tornado-se um elemento chave para entender a sociedade neoliberal. Na série de livros da escritora Suzanne Collins, *Jogos vorazes*, que foi adaptada para os cinemas, temos uma distopia social em que jovens lutam brutalmente uns contra os outros por uma chance única de sobrevivência e sucesso – tudo isso arquitetado pela supremacia governamental.

Em nossa opinião, além de estarem vivenciando diversas mudanças socioeconômicas e culturais em função da informatização da sociedade, os jovens estudantes do ensino médio também estão imersos em um processo semelhante ao descrito na obra de Suzane Collins. Dardot e Laval (2016) apontam que, na sociedade neoliberal

O novo sujeito é o homem da competição e do desempenho. O empreendedor de si é um ser feito para “ganhar”, ser “bem-sucedido”. O esporte de competição, mais ainda que as figuras idealizadas dos dirigentes de empresa, continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos (DAR DOT; LAVAL, 2016, p. 351).

A ideia principal de nossa metáfora é a de que as gritantes desigualdades socioeconômicas brasileiras (que não desapareceram mesmo

em governos progressistas) se aprofundaram de tal forma que, para a parcela da juventude pobre, viver se tornou uma espécie de jogo perigoso e competitivo, marcado pela influência da lógica neoliberal que preza pelo individualismo e pelo afastamento de uma perspectiva de transformação da realidade (DARDOT; LAVAL, 2016).

Consideramos que a incerteza aumenta não apenas em função das novas tecnologias digitais e das transformações no mundo do trabalho: ela também se acentua porque se consolidou uma ausência de projeto coletivo social para a juventude brasileira. As taxas de desocupação entre os jovens foram às alturas e assim permaneceram desde 2015 até pelo menos o fim de 2021; ainda, quando trabalham, geralmente não possuem estabilidade frente a crises econômicas (IBGE, 2022). Dados do IBGE apontam que:

A desocupação entre os jovens recuou entre 2020 e 2021, porém seguiu sendo a mais elevada e alcançou quase $\frac{1}{4}$ [23,9%] da força de trabalho deste grupo populacional [...]. A falta de oportunidades de emprego para a juventude é um desafio que se coloca no nível internacional, compondo três metas do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável - ODS 8 da Agenda 2030 (IBGE, 2022, p. 32).

A perspectiva para o futuro aponta a diminuição de opções de carreiras profissionais em função da automatização e do surgimento de inteligências artificiais, conforme apontam Frey e Osborne (2017) e Vaz et al. (2022). Além disso, o Brasil vivenciou recentemente um cerco estratégico ao financiamento da educação pública (vide a aprovação do Teto dos Gastos em 2016).

É nesse contexto socioeconômico em que vive a maioria dos jovens brasileiros de baixa renda. Para Antunes (2018), no mercado de trabalho em nosso país existe uma tendência de diminuição de direitos trabalhistas e de ascensão de um infoproletariado: trabalhadores precarizados dos setores de serviços e vinculados a trabalhos com tecnologias digitais. Nesse contexto de dificuldades iminentes, é importante que exista o incentivo aos jovens para que estabeleçam um roteiro a seguir, um projeto que guie suas vidas.

O termo Projeto de vida foi consolidado em pesquisas sobre bem-estar humano e construção de planos para o futuro, como apontam Damon (2009)

e Dellazzana-Zanon e Freitas (2015). Projeto de vida foi um dos conceitos mais propagandeados pelos governos Temer e Bolsonaro, no âmbito da Reforma do Ensino Médio. Ressaltamos que, assim como outros conceitos da área da Educação, o Projeto de Vida também é polissêmico. (ALVES; OLIVEIRA, 2020).

A concepção adotada neste trabalho é a de que projeto de vida é como uma espécie de bússola que guia os estudantes em direção aos objetivos gerais estabelecidos para a própria vida. Alguns possíveis exemplos são: construir uma carreira de atuação em algum ramo do mundo do trabalho, formar uma família ou criar projetos sociais de transformação de uma comunidade. Mais do que a elaboração de um documento, o Projeto de vida é uma estratégia de orientação pautada na reflexão, na imaginação e na ação dos estudantes sobre si mesmos, sobre seus sonhos e sobre as transformações necessárias no mundo. Essa concepção considera os aspectos psicológicos dos jovens assim como os conhecimentos acerca da categoria social juventude(s) – o uso do termo no plural aponta para a diversidade de experiências vividas por quem é jovem. Para Dayrell e Carrano (2014, p.111)

A juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. De um lado há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida.

Assim, o sujeito jovem vivencia um determinado conjunto de experiências em função dos papéis sociais que assume. Ao mesmo tempo, o sujeito se define como pertencente de um grupo social – a juventude.

Acerca do trabalho, consideramos que ele é uma categoria ontológica, concepção consoante com as sínteses de Marx e Engels no século XXI. Tal definição é importante porque o termo Mundo do Trabalho é um recurso linguístico utilizado por muitos agentes (empresas, pesquisadores sociais, sindicatos). Nesse sentido, concebemos o mundo do trabalho como o conjunto de relações que se estabelecem entre trabalhadores e patrões, explorados e exploradores; ele pode ser visto ainda como uma expressão

guarda-chuva que aglutina as experiências laborais de trabalhadores do século XXI e as reflexões sobre o trabalho humano.

Além disso, consideramos que esse termo também funciona como uma metáfora, uma vez que partimos do pressuposto que o trabalho esteve e continuará a estar presente na história da humanidade, em todos os "mundos" possíveis (sociais, físicos, etc.). No senso comum, usamos a palavra mundo para descrever relações próprias de uma experiência humana ou de uma instituição, por exemplo, mundo do esporte ou mundo escolar.

Em função das limitações espaciais para esse artigo, nosso objetivo é caracterizar especificamente as formas pelas quais as obras didáticas apresentam as discussões sobre o empreendedorismo. A discussão realizada neste artigo, bem como os resultados que serão apresentados, são um recorte de uma pesquisa realizada no âmbito do curso de Mestrado em Educação.

6

PROJETAR O FUTURO ENQUANTO JOVEM: O QUE (QUEM) SEREI QUANDO CRESCER?

A pergunta que origina o título desta subseção é mobilizada para iniciarmos nossa exposição teórica-conceitual. Nesta seção, pontuamos as características atribuídas ao período chamado de juventude e as experiências vivenciadas por jovens brasileiros. Os anseios a respeito do quê ou de quem seremos quando crescermos são construídos desde a infância, quando é indicado às crianças que no mundo adulto é preciso ser algo mais do que ser humano; geralmente, essa questão está relacionada com a necessidade de ser algum profissional com uma área de atuação bem definida na sociedade (nesse caso, a pergunta é direcionada à esfera do mundo do trabalho).

O conceito de juventude é relativamente recente, assim como a criação do conceito de adolescência. Ambos foram elaborados durante o fim do século XIX e início do XX. Enquanto a adolescência é um conceito estudado no campo da biologia e do direito, a juventude é um conceito sociológico.

Dayrell e Carrano (2014) ressaltam a importância de pautar a discussão sobre juventudes (no plural) para indicar que a juventude é uma categoria intrínseca à concepção de jovens como sujeitos e, portanto, diversos em suas vivências culturais. Pinheiro, Ribeiro e Peregrino (2018) sintetizam a condição da juventude em duas situações: a) emancipação da socialização primária; e b) experimentação de outras formas de socialização.

Os mesmos autores apontam que, em suma, ser jovem implica em buscar autonomia em um mundo complexo, constituído por instituições marcadamente centradas no adulto, ou seja, constituídas pelo olhar e pelos valores de quem não é mais jovem e que vê o jovem a partir de um prisma de vivências que ele ainda não tem, como a escolaridade e a experiência (PINHEIRO; RIBEIRO; PEREGRINO, 2018).

Ainda sobre a categoria juventude, tomamos como base os estudos de Sposito (2005, 2010). A pesquisadora vem desenvolvendo suas pesquisas em torno do campo da Sociologia da juventude – área que busca compreender as especificidades de ser jovem nos tempos contemporâneos. Concordamos com a síntese da autora quando ela adota um ponto de vista teórico-metodológico voltado para a compreensão das singularidades que constituem os jovens, sem deixar de ter em consideração o registro simultâneo dos processos globais do capitalismo contemporâneo (SPOSITO, 2010).

No contexto do Brasil, os jovens vivenciam inúmeras complexidades: precisam escolher seu futuro em meio às crises econômicas frequentes, com empregos precarizados (quando existem) e também em meio à violência, drogas e demais fatores da vida cotidiana para países de periferia do sistema capitalista (CASTRO; ABRAMOVAY, 2021). Ser jovem é uma experiência múltipla, determinada por questões de classe econômica, gênero, orientação sexual, questões raciais e ainda ligadas ao preconceito em relações às pessoas com deficiências (DAYRELL; CARRANO, 2014).

Nas Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio, atualizadas em 2018, encontramos o seguinte princípio orientador específico do ensino médio no inciso II: “projeto de vida como estratégia de reflexão sobre trajetória escolar na construção das dimensões pessoal, cidadã e profissional do estudante”

(BRASIL, 2018, p. 2). Nessa afirmação surgem as três dimensões que, posteriormente, serão apresentadas e discutidas no âmbito do edital do PNLD 2021.

Torna-se importante aprofundar a compreensão do que é um Projeto de Vida e de quais maneiras ele será desenvolvido nas escolas brasileiras. Partimos da concepção de que um projeto de vida é um conjunto de metas, desejos e sonhos que são interligados, produzindo uma espécie de bússola que aponta o caminho futuro que os sujeitos trilharão. O projeto de vida é, portanto, um fenômeno individual e também social. Isso porque esses projetos são construídos por meio da junção de dois campos: o dos interesses individuais e o campo representado pelos valores culturais de cada sociedade (ARAÚJO; ARANTES; PINHEIRO, 2020).

É relevante destacar que muitos estudos sobre Projeto de Vida são oriundos da área da psicologia do desenvolvimento humano (DELLAZZANAZANON; FREITAS, 2015). Assim como outros conceitos utilizados na Educação, existem diferentes definições e perspectivas para se compreender a elaboração de Projetos de Vida. Alves e Oliveira (2020) entendem, baseadas em Bourdieu, que na medida em que o campo econômico sistematicamente se aproxima do campo educacional ocorre a utilização de termos que outrora estavam articulados a um projeto educacional progressista (como Projeto de Vida) e que passam a possuir outros sentidos no interior de propostas curriculares.

Em nossa concepção, um Projeto de Vida tem relação direta com a elaboração de um plano de ação sobre alguma esfera da vida, por exemplo, profissional e escolar. Tais projeções devem envolver um largo marco temporal e ocorrem de acordo com as experiências prévias dos jovens, portanto, relacionadas diretamente como o contexto socioeconômico e cultural em que vivem. Na medida em que os jovens crescem, seus projetos se transformam, pautados principalmente pelas situações do tempo presente. (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011).

Falar em projeto é, portanto, “referir-se a uma determinada relação com o tempo, em especial o futuro, e especificamente às formas como a

juventude lida com esta dimensão da realidade" (LEÃO; DAYRELL; REIS, p.1072, 2011). Especificamente para os jovens, um Projeto de Vida permite que suas trajetórias sejam singularizadas por meio da articulação entre valores, circunstâncias e projeções. Os Projetos de Vida permitem aos sujeitos estabelecer trajetórias que singularizam sua vida, na medida em que esses constituem sua identidade articulando valores, circunstâncias e projeções em direção ao futuro (ARANTES; PINHEIRO; GOMES, 2019).

Quando falamos de sonhos precisamos de atenção para não adotarmos a lógica mítica da meritocracia: nem todos os sonhos poderão ser realizados se o jovem mora em uma casa periférica, com batidas policiais e violências frequentes, com discursos de ódio sobre aspectos sexuais ou étnico-raciais, ou ainda caso a família não for capaz de o ajudar enquanto estiver estudando fora de casa. É um mito, em nossa opinião, afirmar que todos os jovens têm oportunidades iguais. Por isso, a concepção de empreendedorismo colocada na reforma educacional é muito complexa visto que se exporta um conceito econômico para o contexto das escolas públicas brasileiras.

Para Alves e Oliveira (2020), é importante ressignificar o Projeto de Vida como uma necessidade da juventude materializada somente com uma proposta de educação integral, na qual os jovens ocupem espaços de debate sobre seus anseios para a escola e seu futuro. Concordamos com as autoras quando elas concluem que é relevante

[...] destacar que a elaboração do projeto de vida pode ser compreendida como exercício necessário de cidadania e vida digna, mas não como algo que se proponha a garantir êxito educacional e sucesso profissional sem considerar as condições materiais e subjetivas que constituem as vidas das juventudes no ensino médio. As escolhas singulares não são tão individuais, e os problemas sociais e econômicos atingem os jovens de diferentes formas (ALVES; OLIVEIRA, 2020, p. 32).

Isso significa que práticas pedagógicas relacionadas à elaboração de Projetos de Vida envolvem necessariamente aspectos da sociedade em que vivemos atualmente. É por isso que, em nosso trabalho, apostamos em uma perspectiva na qual o Projeto de Vida não é uma elaboração individual

desconectada da realidade concreta e dos desafios que os jovens enfrentam em suas vidas.

MUNDO DO TRABALHO, UBERIZAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

Nesta seção, apresentaremos os aportes conceituais sobre o Mundo do Trabalho que orientaram esta pesquisa. O primeiro passo em nossa exposição é explicitar o motivo pelo qual optamos pelo termo Mundo do Trabalho. Não julgamos pertinente afirmar que a escola deve formar seus alunos para o “mercado” de trabalho, visto que essa afirmação carrega um significado profundamente ideológico e capitalista: no mercado, vendem-se coisas, objetos, mercadorias. Entretanto, também consideramos ser inviável que a Escola ignore a categoria Trabalho, uma vez que consideramos, assim como Marx (1996), que é por meio do trabalho que os homens constroem materialmente suas formas de organização social, na mesma medida em que se constroem também como indivíduos.

Para nós, a expressão Mundo do Trabalho é mais abrangente para compreender o trabalho em seus diferentes aspectos; porém, sendo o trabalho um elemento fundamental de nossas sociedades, não consideramos que exista um “mundo” dissociado do trabalho. O que ocorre é o uso desse termo de forma metafórica. Por Mundo do Trabalho, entendemos todas as instituições e relações que ocorrem na sociedade moderna em torno da venda da força de trabalho, da exploração e também da produção da vida material e de significados profundos para a vida humana.

Apresentamos tal definição baseados em Antunes (2018) e Manacorda (2007), autores que argumentam acerca da complexidade existente no fenômeno do trabalho humano. Manacorda (2007) apresenta uma síntese muito pertinente sobre a contraposição entre o trabalho como algo positivo e negativo:

[...] Por um lado, que nas condições historicamente determinadas, as quais – contra a incapacidade de historizar própria dos economistas e do bom senso do homem comum – não estão, de fato, destinadas a durar eternamente, o trabalho é verdadeiramente o homem perdido de si mesmo, a negação de toda manifestação humana, a **miséria**

absoluta. [...] Por outro lado, que a atividade do homem se apresenta como **humanização da natureza**, devir da natureza por mediação do homem, o qual, agindo de modo voluntário, universal e consciente, como ser genérico ou indivíduo social, e fazendo de toda a natureza o seu corpo inorgânico, liberta-se da sujeição à casualidade, à natureza, à limitação animal, cria uma totalidade de forças produtivas e delas dispõe para **desenvolver-se onilateralmente**. Se não se compreende essa **natureza contraditória** da atividade humana, não se compreende nada de Marx; compreender essa antinomia significa pôr-se no centro de todo o seu pensamento. (MANACORDA, 2007, p.65, grifos nossos).

Um dos recentes fenômenos no Mundo do Trabalho é a *uberização*. Abílio define a *uberização* (termo inspirado na empresa multinacional Uber³) como “o processo em que o trabalhador informal se vê despojado de direitos, garantias e proteções associados ao trabalho e arca com os riscos e os custos de sua atividade” (ABÍLIO, 2020, p.580). Segundo a autora, o trabalhador *uberizado* frequentemente tem sido representado por três definições: 1) “chefe de si mesmo”; 2) trabalhador autônomo; e 3) empreendedor. Essas definições buscam modificar as relações comumente estabelecidas entre empresas e trabalhadores ao transferir parte do gerenciamento das condições de trabalho para o próprio trabalhador e ainda naturalizar a ausência de direitos trabalhistas bem definidos.

Para Antunes, uma parte do Mundo do Trabalho atualmente pode ser definida da seguinte forma:

Uberização do trabalho, distintos modos de ser da informalidade, precarização ilimitada, desemprego estrutural exacerbado, trabalhos intermitentes em proliferação, acidentes, assédios, mortes e suicídios: eis o mundo do trabalho que se expande e se desenvolve na era informacional, das plataformas digitais e dos aplicativos. (ANTUNES, 2020, p.14)

Constatamos que, ao invés do fim do trabalho proposto por alguns pensadores, como Gorz (2005), vivenciamos o advento do proletariado de

³ A Uber é uma empresa americana que presta serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano, por meio de um aplicativo para smartphone que permite a busca por motoristas baseada na localização do passageiro contratante. A empresa insiste em afirmar que não há vínculos empregatícios entre ela e seus trabalhadores, evitando assim os direitos trabalhistas. A empresa cresce absurdamente a cada ano em número de trabalhadores informais. Para saber mais, acesse: <https://www.uber.com/br/pt-br/about/>.

serviços de plataforma, uma variante, segundo Antunes (2018; 2020), do que podemos intitular “escravidão digital”.

O termo empreendimento pode ser definido como a atitude das pessoas que se lançam a realizar tarefas ou abrir uma empresa (Dicionário Online Michaelis). Em geral, tais processos são relacionadas ao Mundo do Trabalho, como abrir um negócio ou ainda criar uma inovação em um ramo do mercado. Entretanto, como muitos conceitos, o empreendedorismo também é polissêmico: a definição anterior não é única, mas sim é aquela apresentada pelo setor privado, principalmente.

Na análise de Filgueiras (2021), a narrativa sobre o empreendedorismo atualmente se apresenta como um “novo” empreendedorismo:

O neoempreendedorismo é uma radicalização da narrativa da onda anterior de “novidades” porque o uso das tecnologias (particularmente a internet e as plataformas) sugere uma aparente democratização dos meios de produção: basta ter um computador, um carro ou mesmo uma bicicleta para a produção “autônoma” de renda, seja como criador, seja como parceiro de uma *start-up*. Agora, mais do que nunca, seu sucesso “só depende de você”. Isso é reforçado quando as empresas alegam disponibilizar as plataformas para pessoas que querem ofertar e melhorar “seus negócios”, engendrando a suposição de que os trabalhadores são clientes das empresas e pagam a elas taxas pelo uso da tecnologia. (FILGUEIRAS, 2021, p.65).

Conforme discutimos anteriormente, a *uberização* do trabalho tem relação direta com a inserção do empreendedorismo como um sonho a ser conquistado pela classe trabalhadora, sendo os sujeitos os “seus próprios chefes” e “fazendo seus próprios horários”. Portanto, embora tal conceito possa ser discutido e trabalhado com significados diferentes, em geral percebemos uma clara associação entre discursos neoliberais e a noção de empreendedorismo.

O neoliberalismo se consolidou como uma razão, ou seja, uma forma de racionalidade específica que organiza não apenas a economia global, mas também as subjetividades de cada um; o neoliberalismo não mais propõe o fim do Estado, mas a transformação deste em uma espécie de empresa. (DARDOT; LAVAL, 2016). Para os autores, o sujeito é chamado a se tornar “[...]”

especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo [...]” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 331). Dessa maneira, a racionalidade neoliberal induz o cada sujeito a agir sobre si mesmo com objetivo de se fortalecer e se manter vivo na competição.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem caráter qualitativo, ou seja, é essencialmente interpretativa e analítica acerca dos diversos enunciados existentes nas obras didáticas. Creswell (2010) destaca que em pesquisas qualitativas a análise ocorre geralmente por métodos indutivos sempre associados a uma ou mais “lentes” teóricas utilizadas para interpretar as informações. Embora tenhamos apresentado aportes teórico-conceituais que orientaram essa pesquisa, não adotamos um modelo teórico totalmente estabelecido e evitamos hipóteses completamente fechadas. Conforme proposição de Flick (2009), nossos aportes teórico-conceituais funcionaram como “conceitos sensibilizantes⁴”.

Dentre as abordagens qualitativas, optamos pela Teoria Fundamentada nos Dados (TFD). A teoria fundamentada nos dados pode ser definida, segundo Tarozzi (2011), como um método geral e um conjunto de procedimentos para trabalhar os dados de uma pesquisa empírica. No âmbito de nosso grupo de pesquisa, prefere-se usar o termo “Teoria Enraizada nas Informações”, uma vez que realizamos um conjunto de adaptações e modificações em relação às orientações originais, dado nosso contexto (o curto tempo para realização da análise, por exemplo).

Realizamos codificação inicial e focalizada com base nas orientações de Charmaz (2009). Codificar não significa resumir trechos em apenas uma palavra; às vezes, um código é uma frase pequena ou duas palavras juntas. É importante ressaltar que esse processo envolve *criação*, ou seja, não é neutro: criaremos os códigos com base em nossa linguagem, mesmo com o esforço de nos manter fiéis às informações coletadas. Foi na codificação focalizada que as categorias que apresentamos neste artigo foram construídas.

⁴ Flick (2009) denomina os conceitos sensibilizantes como aqueles que tem a função de orientar o início da pesquisa, porém não constituem hipóteses ou teorias a serem testadas.

As fontes de informações são documentos, em específico os Livros Didáticos de “Projeto de Vida” recomendados no Edital do PNLD 2021. O conjunto de livros voltados para o assunto Projeto de Vida foram 24, porém 9 foram analisados neste trabalho, com base em critérios específicos⁵. O quadro abaixo sintetiza informações sobre esses livros didáticos:

QUADRO 1 - Recorte da Amostra de Livros Didáticos

Nº	QUADRO PRINCIPAL				
	CÓDIGOS DAS OBRAS	NOME DA OBRA	CÓDIGOS NO ÂMBITO DA PESQUISA	AUTORES	EDITORA
1.	0097P21509	#Meu Futuro	01-MF-FTD	•Ereli Sassi; •Fernanda Martins Sassi	FTD
2.	0099P21509	Pensar, sentir e agir	02-PSA-FTD	•Leo Fraiman	
3.	0020P21509	Valor de uma Voz	03-VUV-MDN	•Luana De Medeiros Botelho; •Marcelo Gomes Justo •Julciane Castro Da Rocha •Douglas Ladislau Dos Santos •Flavio Bassi Junior •Helena Singer	MODERNA
4.	0013P21509	Educação para a vida	04-EDP-MDN	•Anna Helena Altenfelder; •Renata De Alencar Teixeira; •Danilo Eiji Lopes; •Ana Paula Bezerra Severiano •Giselle Vítor Da Rocha	
5.	0065P21509	Construindo o Futuro	05-CF-SE	•Hanna Cebel •Marco Antonio Morgado Da Silva	GRUPO SOMOS EDUCAÇÃO
6.	0002P21509	#Vivências	06-VIV-SE	•Isabella Moreira De Avelar Alchome; • Ana Sofia Carvalho Oliveira	
7.	0117P21509	Projeto de vida: meu plano em ação	07-MPA-KE	•Eric Brandao Machado Mifune •Cecilia Junqueira Sallowicz Zanotti	KITS EDITORA
8.	0112P21509	Juventude plural: Projeto de Vida: volume único	08-JP-DSOPEF	•Reinaldo Aparecido Domingos •Maria Elizabeth Seidl Machado	DSOP EDUCACAO FINANCEIRA LTDA
9.	0055P21509	Jovem protagonista: projeto de vida	09-JP-SM	•Maria Clara Wasserman •Gabriel Medina De Toledo	SM EDIÇÕES

Fonte: elaborado pelos autores.

EMPREENDER COMO ATITUDE A SER ALMEJADA: A DEFESA DE UMA RACIONALIDADE EMPRESARIAL PARA A VIDA DOS ESTUDANTES

Vale salientar que discussões a respeito do empreendedorismo apareceram em quatro obras das nove analisadas. Nessa seção, utilizaremos os códigos de cada obra didática apontados no quadro anterior.

⁵ Os critérios da escolha da amostra estão descritos na Dissertação de Mestrado que deu origem a esse artigo, disponível em: [Plataforma Sucupira \(capes.gov.br\)](http://Plataforma Sucupira (capes.gov.br)).

O empreendedorismo pode ser caracterizado, segundo as obras didáticas, como a iniciativa de um negócio próprio, ou seja, uma ação concernente ao mundo empresarial. Entretanto, esse não é o único significado do empreendedorismo. Em algumas obras, esse termo é associado com atitudes como inovação, resiliência, proatividade e flexibilidade. Outro aspecto destacado nas obras é que o empreendedorismo pode ter um caráter “social”, ou seja, não visar apenas o lucro. Emerge então uma proposta na qual os sujeitos criam iniciativas para resolver problemas socioeconômicos e ambientais de suas comunidades. Nessas discussões sociais, não é destacado o papel do Estado e das políticas públicas, nem mesmo o papel dos movimentos sociais que pressionam as governanças e organizam o povo. Em alguns casos, ocorre inclusive certa *glamourização* do empreendedorismo; são mobilizados recursos linguísticos para a valorização do termo e também trajetórias de vida que funcionam como exemplo de como o ato de empreender é atrativo, interessante e de como ele pode mudar vidas.

Por exemplo, no livro 08-JP-DSOPEF, existe a apresentação de teóricos, como Joseph Schumpeter, que defendem a ideia do empreendedorismo como motor da economia. Com base nesse autor e em outras ideias vinculadas à economia clássica, outros autores defendem ainda que o empreendedorismo é um conjunto de atitudes que podem ser desenvolvidas por todos, independentemente de sua carreira profissional. Os autores também apresentam as seguintes definições do que é ser empreendedor: “[...] ser empreendedor é ter a ousadia de colocar suas ideias em prática” (08-JP-DSOPEF, p.166) e “[...] ser empreendedor significa ser um realizador, que produz novas ideias através da congruência entre criatividade e imaginação” (ibidem, p.166). Na mesma obra, o empreendedorismo aparece como aspecto central em uma seção, intitulada: “Todos somos empreendedores”. O capítulo 10, em que essa seção é encontrada, tem como nome “Empreendedorismo: navegar para o futuro”. Essa frase serviu de inspiração para o título do presente artigo.

A generalização é intencional, na medida em que os autores da obra defendem que o empreendedorismo não é apenas criar seu próprio negócio, mas desenvolver um tipo de atitude que pode ser útil para a vida em geral. Essa noção está conectada com a proposição de Dardot e Laval (2016) sobre a racionalidade neoliberal. Para abordar o assunto, os autores da obra didática optam por apresentar definições mais ou menos teóricas, (ao citar Schumpeter, por exemplo, ainda que de forma rasa), propor a criação de planos de ação sobre alguma atividade empreendedora, propor questões de interpretação de texto e culminam por orientar para uma visão positiva do empreendedorismo.

O empreendedorismo então constitui-se como uma espécie de *receita* para viver a vida, uma ferramenta útil para colocar em prática o Projeto de Vida. Nas palavras dos autores, “trata-se de uma maneira de transformar sonhos em realidade, contribuindo para construir caminhos sólidos a fim de realizar o seu Projeto de Vida.” (08-JP-DSOPEF, p.161). Repetidas vezes, o empreendedorismo é associado à mudança, transformação e resolução de problemas sociais e não mais se constitui como um conceito puramente relacionado ao individualismo.

Entendemos que o tema tem avançado sobre a esfera do social, muitas vezes criando um cenário em que o Estado e as Políticas públicas não precisam existir, afinal, na visão que os autores parecem defender, tudo de errado em uma comunidade pode ser resolvido pelos empreendedores se estes forem criativos e tiverem habilidade de planejar. Essa concepção neoliberal, em nossa avaliação, prioriza a individualização de problemas sociais estruturais causados pelo próprio sistema capitalista; assim, o empreendedorismo social se consolida como uma estratégia de convencimento para deixar de lado a ideia de alcançar um Estado de bem-estar social.

Além de constituir-se como um conceito relacionado ao social, o empreendedorismo também tem sido caracterizado como uma atitude ousada, criativa e prática. Empreender torna-se o sinônimo de sonhar, planejar e agir. Entretanto, seres humanos fazem isso desde que se

constituíram enquanto humano. O que acontece é que, sob a ótica do empreendedorismo, as relações entre classes sociais (e suas interfaces de gênero/sexualidade e de raça) tendem a ficar invisíveis diante da afirmativa de que todos somos empreendedores. Logo, a divisão entre trabalhadores e patrões torna-se (nesse discurso) obsoleta, ultrapassada e encoberta pelos discursos de criatividade, planejamento e inovação.

Na obra 07-MPA-KE, encontramos a seguinte definição dos chamados negócios sociais:

Os objetivos de um negócio social são causar um impacto positivo em uma comunidade, ampliar as perspectivas de pessoas marginalizadas pela sociedade e gerar renda compartilhada e autonomia financeira para indivíduos de classe baixa. De maneira simplificada, são soluções de negócios para problemas socioambientais. (07-MPA-KE, p. 170).

17

Nessa argumentação, o papel das políticas públicas é ignorado. Ele também não aparece na seção do livro didático em que ocorrem discussões sobre o mundo do trabalho. Em nossa análise, esse trecho específico do texto tem como objetivo convencer os jovens de que esse tipo de negócio é interessante, “legal” e positivo para eles. Da maneira como está colocado, parece muito simples criar um negócio social. Esse texto pode fazer com que os jovens acreditem que esse tipo de emprego é socialmente digno já que ajuda as comunidades de classe baixa. Entretanto, o texto não apresenta exemplos concretos desse tipo de empresa.

Os autores da obra 02-PSA-FTD afirmam que existe um tipo de empreendedorismo no qual o negócio produz lucro de forma associada ao desenvolvimento responsável: “empreendedorismo sustentável consiste em um tipo de negócio no qual a geração de lucro está relacionada ao desenvolvimento responsável do meio social e do ambiente” (02-PSA-FTD, p. 127). É uma categoria ampla, que não permite compreender exatamente o que seria esse desenvolvimento responsável referido. Toda empresa privada busca o lucro – produzido mediante exploração da força de trabalho – porém, recentemente, iniciativas diferentes vêm colocando outros aspectos em evidência, como a possível redução de problemas sociais.

Além disso, essa obra também apresenta que

[...] negócios sociais têm em seu cerne atividades que devem beneficiar pessoas de baixa renda, porém também têm o objetivo de serem lucrativos, gerando receita por meio da comercialização de produtos ou serviços que, por sua vez, remuneram os sócios ou geram capacidade de investimento para a própria empresa – acarretando a ampliação do seu potencial em ter efeito na sociedade (02-PSA-FTD, p. 136).

A ideia é, portanto, aliar lucro para os sócios e benefícios para as populações mais pobres. Em outras palavras, trata-se de lucrar em cima da existência concreta da pobreza. No texto citado, ainda encontramos a explicação de que empreendedores têm conseguido mais investimentos exatamente em função de defenderem uma causa social. O adjetivo “social” é utilizado como um apelo que auxilia ainda mais as empresas a captarem investimentos e terem uma boa reputação. Junto dessa concepção, a obra 05-CF-SE apresenta a seguinte definição: “empreendedorismo social é uma forma de trazer benefícios e transformações sociais, sem necessariamente visar ao lucro, embora também possa gerá-lo aos fundadores” (05-CF-SE, p.135). Notamos nesse trecho uma definição suficientemente ampla para que tanto os negócios focados no lucro quanto aqueles que não o visam possam ser associados ao empreendedorismo.

Há, em algumas obras didáticas analisadas, principalmente na 08-JP-DSOPEF um certo fetichismo do empreendedorismo. Por fetichismo, entendemos a análise demarcada por Marx, na qual as relações subjetivas de produção das mercadorias são transformadas em relações objetivadas. Segundo Anselm Jappe,

[..] os seres humanos veem as mercadorias criadas por eles e suas interações (os preços, o mercado, as crises etc.) como divindades que os governam. A referência irônica à religião contida no conceito de fetichismo adquire aqui todo o sentido: o homem se inclina diante de coisas sem saber que elas são seus próprios produtos. Ao mesmo tempo, não se trata de uma fatalidade: essa subordinação do homem aos seus produtos é o resultado do modo de produção capitalista (mesmo que ela prolongue formas anteriores de fetichismo, principalmente religiosas) (JAPPE, 2018, p. 71).

Entendemos que, ao apresentar o empreendedorismo como algo bom, necessário para as profissões atuais, uma atitude interessante, uma ação

produtora de orgulho e realização, na verdade as obras didáticas estão contribuindo para uma visão mistificada do que é empreender na sociedade capitalista brasileira. Além disso, algumas obras aliam empreendedorismo à noção de atitudes empreendedoras, indicando que elas são essenciais para profissionais do século XXI, ou seja, o desenvolvimento dessas atitudes garantiria aos estudantes melhores performances no Mundo do Trabalho.

Entendemos que o empreendedorismo apresentado nas obras didáticas é um processo ilusório. Elencamos dois motivos para essa constatação. Primeiro: ele é colocado como um sonho a ser almejado; cabe aos jovens o desenvolvimento de habilidades que são definidas nos livros como empreendedoras (se comunicar bem, resolver problemas, ser inovador, entre outras). Com isso, afirmamos que a ilusão é provocada na medida em que ocorre a criação de uma visão de mundo, de regras de um jogo que os jogadores devem acolher como interessantes. Segundo motivo: é uma ilusão porque, da forma como foi apresentado nas obras, o empreendedorismo e a criação de negócios possuem mais aspectos positivos do que aspectos mais problemáticos.

Fabrica-se assim uma imagem simbólica/ilusória de que todos podem realizar o processo de tornarem-se empreendedores, ocultando a dinâmica real do capitalismo atual que é marcado pelo aumento da exploração da força de trabalho via precarização e desemprego massivo. Por exemplo, a ausência sobre dados a respeito dos créditos a juros baixos ofertados pelos bancos indica que não há uma verdadeira vontade de apresentar o panorama do que é ser empreendedor no Brasil. Informações divulgadas pela Agência Brasil indicam que a taxa de fechamento ou mortalidade de negócios do Setor de Microempreendedores Individuais (MEI) é de 29%. A pesquisa foi realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) no final de 2020. Essa mesma pesquisa indica que as

microempresas têm taxa de mortalidade, após cinco anos, de 21,6%.⁶ Outra contribuição da reportagem⁷ é a seguinte:

De acordo com o Sebrae, quanto menor o porte da empresa, mais difícil obter crédito para manter o capital de giro e conseguir superar obstáculos como os causados pela pandemia de covid-19. Mais de 40% dos entrevistados citaram como causa do encerramento da empresa a pandemia. Para 22%, a falta de capital de giro foi primordial para o fechamento do negócio. A pesquisa também detectou que 20% dos antigos empresários reclamaram do baixo volume de vendas e da falta de clientes. (GUERRA, 2021, (s/p.).

Nossa perspectiva não é a de que empreendimentos individuais ou coletivos, como criação de negócios, devam ser eliminados do debate sobre Mundo do Trabalho e Projeto de Vida. Pelo contrário, entendemos ser essencial debater temas como empreendimentos coletivos e individuais, cooperativas e iniciativas da economia solidária. Isso significa que o empreendedorismo deve ser tomado como mais uma dentre várias formas de atuações no Mundo do Trabalho e não como a melhor, única e mais relevante.

20

CONCLUSÃO

Concluimos que as obras descrevem o empreendedorismo com diferentes níveis de prioridade, visto que algumas dedicam seções inteiras para o tópico enquanto outros livros o fazem em menos de uma página. Entretanto, a referência ao empreendedorismo social é unânime, ainda que com termos diferentes (negócio social, empreendedorismo social, entre outros). Assim, ocorreu uma apropriação por parte dos autores das narrativas empresariais acerca do mundo do trabalho, visto que Filgueiras (2021) nos apresenta uma síntese bem semelhante às narrativas presentes nos livros didáticos.

Em relação às obras 07-MPA-KE e 08-JP-DSOPEF, entendemos que ocorreu um processo de *glamourização* do empreendedorismo. Ao

⁶ Não encontramos o relatório final no site do SEBRAE, mas sim uma apresentação da pesquisa.

⁷Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-06/sebrae-pequenos-negocios-tem-maior-taxa-de-mortalidade>>. Acesso em 26 dez. 2022.

glamourizar esse conceito, seja como atitude pessoal ou como abertura de um negócio, existe um processo de ocultamento da oferta de empregos e das condições concretas para isso. A ideia de que ao desenvolver certas habilidades você se torna mais apto e tem mais chances de conseguir “se dar bem” no Mundo do Trabalho destoa da realidade quando nos confrontamos com os altos índices de desemprego e com um cenário onde cada vez mais profissões serão extintas diante da próxima revolução digital. A constatação dos autores dos livros é que devemos nos adaptar para viver, e isso envolve empreender como forma de trabalhar, obter renda ou maior performance. Tais concepções estão muito associadas com a racionalidade neoliberal tal como Dardot e Laval (2016) apresentam-na.

Concluimos que o empreendedorismo tem aparecido nas obras didáticas analisadas ora como um conjunto de atitudes a ser almejado por todos, ora como a criação de negócios para obter renda, e não como uma opção dentre as demais para inserir-se no mundo do Mundo do Trabalho. A ausência de uma discussão econômica mais profunda é emblemática e representa um problema, pois não existe um apontamento das diferentes visões sobre o papel do Estado, exploração do trabalho e incentivo econômico através de políticas públicas. Dessa forma, ignora-se o fato de que vivemos em uma sociedade capitalista, produto de relações históricas e não fixas. Ao defender o empreendedorismo para todos, os autores ignoram que produtos e serviços ainda são produzidos e oferecidos em grande escala e que a concorrência entre microempresas e oligopólios gigantescos é extremamente desigual.

Por fim, lembramos que nesse cenário o empreendedorismo pode ser entendido como uma estratégia da classe dominante para culpabilizar o sujeito em caso de fracassos ou dificuldades. Para finalizar esse artigo, reproduzimos o curioso questionamento existente na obra 07-MPA-KE (p. 171): “afinal, quem sabe não está no seu sangue a vocação de ser um empreendedor de sucesso e ainda trazer soluções inovadoras para resolver os problemas sociais do Brasil?”

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. Uberização e juventude periférica: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 39, n. 03, p. 579-597, set. 2020.

ALCHORNE, Isabella; CARVALHO, Sofia. **#Vivências**: projeto de vida. São Paulo: Scipione, 2020.

ALVES, M. F.; OLIVEIRA, V. A. de. Política educacional, projeto de vida e currículo do ensino médio: teias e tramas formativas. **Revista Humanidades e Inovação**, [s. l.], v. 7, n. 8, p. 20-35, mar. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/260>. Acesso em: 12 ago. 2021.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços da era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus**: o trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARANTES, V. A.; PINHEIRO, V. P. G.; GOMES, M. A. G. O valor da escola para os jovens. **International Studies on Law and Education**, [s. l.], p. 165–176, 2019.

ARAÚJO, U. F.; ARANTES, V.; PINHEIRO, V. **Projetos de vida**: fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais. São Paulo: Summus, 2020.

BRASIL. **Resolução Nº 3, de 21 de novembro de 2018**. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622. Acesso em: 07 nov. 2020.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Ser jovem hoje, no Brasil**: desafios e possibilidades. 2. ed. Brasília: Flacso Brasil, 2021. 24 p. PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS. Disponível em: https://flacso.org.br/files/2015/08/Ser-Jovem-Hoje-no-Brasil_edicao2.pdf. Acesso em: 23 jan. 2023.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COLLINS, S. M. **Jogos Vorazes**. São Paulo: Rocco Jovens Leitores, 2012.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DAMON, W. **O que o jovem quer da vida?:** como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. São Paulo: Summus, 2009. Tradução de Jackeline Valpassos.

DANZA, H. C.; SILVA, M. A. M. da. **Projeto de Vida:** construindo o futuro. São Paulo: Ática, 2020. 256 p.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução Mariana Echalar.

DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (org.). **Juventude e ensino médio:** sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2014. p. 101-133.

DELLAZZANA-ZANON, L. L.; FREITAS, L. B. de L. Uma Revisão de Literatura sobre a Definição de Projeto de Vida na Adolescência. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 19, n. 2, p. 281-292, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v19i2.35218>. Acesso em: 12 out. 2022.

DOMINGOS, R.; MACHADO, M. E. S. M. **Juventude Plural:** manual do professor, volume único. São Paulo: Editora DSOP, 2022.

EMPREENHIMENTO. In: **Michaelis**. Dicionário de Online de Português Brasileiro. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/empreendimento>. Acesso em 23 jan. 2023.

FILGUEIRAS, Vitor Araújo. **“É tudo novo”, de novo:** as narrativas sobre grandes mudanças no mundo do trabalho como ferramenta do capital. São Paulo: Boitempo, 2021. (Coleção Mundo do Trabalho).

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRAIMAN, L. de P. **Pensar, sentir e agir:** ensino médio: volume único. São Paulo: FTD, 2020.

FREY, Carl Benedikt; OSBORNE, Michael A. The future of employment: how susceptible are jobs to computerisation? **Technological Forecasting And Social Change**, [S.L.], v. 114, p. 254-280, jan. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.techfore.2016.08.019>. Acesso em: 15 jan. 2023.

GORZ, A. **O imaterial:** conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

GUERRA, A. C. **Sebrae: pequenos negócios têm maior taxa de mortalidade:** informação é da pesquisa sobrevivência de empresas 2020. Reportagem elaborada com base em dados do SEBRAE. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-06/sebrae->

pequenos-negocios-tem-maior-taxa-de-mortalidade. Acesso em: 15 set. 2022.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileiras. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Informação Demográfica e Socioeconômica, nº 49. Elaborado por Coordenação de População e Indicadores. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101979.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2023.

JAPPE, A. O fetichismo da mercadoria. **IUH Online**: Revista do Instituto Humanitas Unissinos, São Leopoldo, n. 525, p. 70-73, jul. 2018. Traduzido por Vanise Dresch, publicado originalmente na revista francesa Alternatives Economiques. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/525>. Acesso em: 14 jul. 2022.

LADISLAU, Douglas et al. **Valor de Uma Voz**: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2020. 200 p.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, [s. l.], v. 32, n. 117, p. 1067–1084, 2011.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005. Tradução de Norberto Luiz Guarinello. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/3p3mXn5TfgkkGSnWsXZ3zxr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2021.

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Editora Alínea, 2007. Tradução de Newton Ramos de Oliveira.

MARX, K. **O capital**: Para a crítica da Economia Política. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. Volume 1, Tomo 1. Coleção Os Economistas.

MEDINA, Gabriel; WASSERMAN, Maria Clara. **Jovem Protagonista**: projeto de vida. São Paulo: Edições Sm, 2020

PINHEIRO, D.; RIBEIRO, E., PEREGRINO, M. School and work: elements to discuss youth in Brazil. **Sociology International Journal**. [s. l.], v. 2, n. 5, p. 349–353, 2018. Disponível em: <https://medcraveonline.com/SIJ/school-and-work-elements-to-discuss-youth-in-brazil.html>. Acesso em 13 jul. 2021.

SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N. da; DUNKER, C. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SALES, Celecina Vera; VASCONCELOS, Maria Aurilene de Deus Moreira. Ensino Médio Integrado e Juventudes: desafios e projetos de futuros. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 69-90, jan. 2016.

SASSI, Fernanda Celeste de Oliveira Martins; SASSI JUNIOR, Erlei. **#MeuFuturo**: Ensino Médio: projeto de vida. São Paulo: FDT, 2020. 255 p.

SEBRAE. **Apresentação executiva da pesquisa “Sobrevivência de empresas”**. 2021. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2021/06/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-Sobreviv%C3%Aancia_2020_Web_Final.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

SEVERIANO, Ana Paula (org.). **Educação para a vida**: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2020. 244 p.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo, p. 129-148, 2005.

SPOSITO, M. P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. , p. 93-104, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/VBNtmgt3MYnSwYS8HFM9LSJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2021.

TAROZZI, M. **O que é Grounded Theory**. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAZ, B. O. E. et al. Automação e perda de empregos: o caso brasileiro. **Nova Economia**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 157-180, 2022. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/6367>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ZANOTTI, C. J. S.; MIFUNE, E. B. M. **Projeto de Vida - Meu Plano em Ação**. São Paulo: Kit'S Editora, 2020.

Recebido em: 04 de dezembro de 2022.

Aprovado em: 22 de março de 2023.

Publicado em: 12 de julho de 2023.

